



Uma Igreja que partilha

Carta Pastoral do Bispo de Mainz, Peter Kohlgraf,
para a quaresma 2019

Caras irmãs e caros irmãos da diocese de Mainz:

a todos desejo um abençoado tempo de preparação para a festa da Páscoa. Que as semanas que se seguem nos ajudem a lançar o olhar para o essencial da nossa vida e da nossa fé.

Este olhar para o essencial também se torna necessário no nosso cotidiano em Igreja. Nestas semanas, na diocese de Mainz, iremos iniciar de forma intensiva um “Caminho Pastoral”, que tem como referências, de um lado, as condições da sociedade e, do outro, a questão de saber o que as pessoas de hoje esperam da Igreja. Assim, o caminho que iniciamos orienta-se por uma interrogação espiritual: como é que vamos conseguir levar para o diálogo com as pessoas a mensagem do evangelho, sobretudo para o diálogo com as pessoas que não fazem parte dos nossos círculos? Para isso temos de estar seguros das motivações que nos movem, nós que queremos ser hoje a Igreja de Jesus Cristo, e temos também de estar conscientes da nossa missão, hoje. Os planos que daí se deduzem para mudanças nas estruturas só terão sentido se forem realmente uma consequência de uma tal atitude espiritual. Já no ano que passou introduzi na minha carta pastoral para a quaresma a imagem de São Martinho, o nosso padroeiro diocesano. Nas ideias concretas para o “Caminho” espiritual que nos espera, e que pude apresentar na Assembleia diocesana no passado mês de setembro de 2018, coloquei a partilha como base para a Igreja na diocese de Mainz.

No livro dos Atos dos Apóstolos o evangelista Lucas dá-nos uma imagem ideal da comunidade de Jerusalém: “Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma, frequentavam



diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação” (Act 2,44–47).

Realmente soa mesmo a algo muito ideal, talvez mesmo irrealista. No entanto, continuando a ler mais alguns capítulos, vemos que Lucas não esconde as dificuldades. Apesar disso vale a pena tomar esse ideal das primeiras comunidades como referência pela qual nos medimos hoje. Vemos em Jerusalém uma comunidade que partilha a vida, a fé, os recursos e também a responsabilidade. Para o nosso futuro “Caminho” gostaria agora de desenvolver estes quatro aspetos.

1. Partilhar a vida

Sabemos da importância de uma presença de Igreja na proximidade das pessoas. A Igreja e as pessoas que a representam têm de estar acessíveis. Compartilho a preocupação de algumas pessoas de que a Igreja se esteja a retirar da sua área. Que o Evangelho tenha mãos, tenha pés e mantenha visibilidade, isso vai depender de todas as pessoas que vivem a fé: nas aldeias e nos bairros, nas comunidades, nos movimentos, na Cáritas, no voluntariado e nos muitos locais de Igreja. O número decrescente de padres, diáconos e agentes pastorais a tempo inteiro vem lembrar-nos, no meio de todas as dificuldades, que a vocação para viver e testemunhar a fé é dirigida a todos os batizados. Somos cristãs e cristãos no mundo numa rede de relações, vivemos em comunidade com muitas pessoas. Se formos capazes de viver essas relações de ouvidos atentos e de forma refletida havemos



de tornar-nos peritas e peritos, que se dão conta das “alegrias e das esperanças, da tristezas e dos angústias das pessoas de hoje”, como formula o Concílio Vaticano II (Gaudium et Spes 1).

Partilhar a vida significa ser pessoas que vivem em relação segundo o espírito do Evangelho, numa atitude de respeito, interesse, estima e amor para com as pessoas. Os temas do nosso mundo e das pessoas do nosso tempo tornam-se assim temas da Igreja. Se conseguirmos isto, então não correremos o risco de nos reduzirmos a temas internos da Igreja que para as pessoas já não têm grande significado, ou de falarmos uma linguagem feita de fórmulas e sem conteúdo. Quem partilha a vida procura perceber o que é importante para outras pessoas. Será cuidadoso nos julgamentos morais sobre outros, sem cair no relativismo. A Igreja também será levada a sério nos seus ideais e posições éticas se mostrar que conhece as pessoas e que não se limita a repetir normas abstratas. Partilhar a vida tem de significar que, para o futuro, vamos dar visibilidade às nossas propostas de Igreja, às nossas comunidades, escolas, jardins infantis, movimentos, centros da Cáritas, comunidades de língua materna, conventos e muitas outras. Porque todas essas propostas trazem consigo experiências e intuições que são indispensáveis para podermos corresponder àquilo que as pessoas esperam. Partilhar a vida significa romper com o paralelismo e o isolamento dos nossos programas de Igreja a fim de, juntos, podermos reconhecer melhor a missão que é a nossa no seguimento de Jesus. Como nas primeiras comunidades de Jerusalém trata-se de uma cultura de comunhão, na qual todas as pessoas na sua diversidade se sentem comprometidas em Igreja com a tarefa comum. Fixar-se na sua verdade própria, no seu proveito próprio, nos seus interesses próprios, impede o anúncio do Evangelho.



2. Partilhar a fé

A comunidade de Jerusalém seria impensável sem a oração comum, sem a fé em Cristo Ressuscitado que na Igreja e na comunidade vive na palavra e no sacramento. Esta fé tem de ser para nós uma importante base comum. Dela se deduzem temas importantes. A questão de saber como é que podemos transmitir a fé é urgente e prioritária. As famílias são o primeiro lugar da experiência da fé. Nas nossas comunidades temos contacto com muita gente na preparação para a primeira comunhão, na catequese do crisma, nos diálogos de preparação para o batismo, no acompanhamento por ocasião da morte e na preparação para o matrimónio. Em muitos lugares já se reagiu à mudança na situação da fé no nosso tempo. Eu estou convencido que hoje não se pode fazer preparação para a primeira comunhão sem fazer catequese de pais, se queremos fazer uma catequese sustentável. Muitos sentem a insuficiência de uma preparação pontual para o casamento ou para um funeral. Ao lado das comunidades, as nossas escolas, jardins infantis e aulas de religião são também campos importantes da transmissão da fé. Na primeira comunidade, em Jerusalém, parece que se consegue viver, celebrar e testemunhar a fé em comum, numa forma que a torna contagiante.

É verdade que não temos receitas patenteadas para nenhum dos campos referidos. Mudanças metodológicas não bastam. Finalmente, a fé é transmitida por pessoas que a vivem com total convicção e entusiasmo. Não se trata de dar lições a outros. Evidentemente temos um credo com conteúdo, mas primeiro, para nós mesmos, temos de tentar preencher com vida e experiência espiritual as afirmações do credo. É uma procura e uma caminhada que

nos ocupam a vida inteira. Queremos acompanhar outros no seus caminhos de fé, levar a sério as suas questões, e, por nosso turno, ser capazes de dizer “as razões da nossa esperança” (ver 1 Pe 3,15), aceitar as dúvidas, as minhas e as alheias, e aprender dos outros. O antigo bispo de Aachen, Klaus Hemmerle, exprimiu estas preocupações deste modo: “Deixa-me conhecer-te, o que pensas e o que dizes, as tuas questões e a tua presença, para eu aprender em tudo isso a mensagem que eu tenho para te dar”¹. Se há tantos caminhos para Deus quantas as pessoas², os nossos esforços para desenvolver formas de partilha da fé têm de tornar-se ainda mais criativos, diversificados e corajosos.

A lógica de que isso aconteceria automaticamente de geração em geração, já passou há muito. Partilhar a fé significa redescobrir o valor do envio, da “missão”, que só se se pode realizar no encontro e na relação. O Papa Francisco coloca uma questão aos nossos programas, e nomeadamente às paróquias, tradicionalmente estáveis: é a questão de saber que impulso missionário irradia deles. No nosso „Caminho Pastoral“ não podemos perder de vista esta questão.

3. Partilhar recursos

Os recursos mais importantes da nossa Igreja são os sacramentos, a palavra de Deus, as afirmações e as experiências de fé da tradição, assim como as muitas pessoas e a comunidade que elas

1 Citado de: Katholische Arbeitsstelle für missionarische Pastoral, „Lass mich dich lernen...“. Mission als Grundwort kirchlicher Erneuerung = Kamp kompakt 4, Erfurt 2017, 4.

2 Cf. Joseph Kardinal Ratzinger, Salz der Erde. Christentum und katholische Kirche; Ein Gespräch mit Peter Seewald, Stuttgart 1996, 8.

formam. Eu sei que me repito ao colocar esta afirmação no início deste parágrafo, mas é para que esta afirmação fundamental não seja esquecida em tudo aquilo que se segue. Todos os outros recursos, como sejam o dinheiro, os imóveis, o pessoal, estão ao serviço da realização da missão da igreja e ao serviço das pessoas que lhe estão confiadas. Por isso, os bens materiais são importantes. São instrumentos mas não são de modo nenhum o conteúdo dos esforços da Igreja. No nosso „Caminho Pastoral“, a experiência mostra que será neste campo que mais provavelmente irão surgir conflitos. Peço a todos para não esquecerem que as questões materiais e pessoais só podem ser bem resolvidas se forem discutidas ou eventualmente debatidas a partir de uma atitude espiritual. No começo, o livro dos Atos dos Apóstolos fala-nos de uma perfeita comunhão de bens. Cada um recebe o que precisa. Isto funciona porque ninguém fica agarrado àquilo que possui. Mas já no capítulo 5 do Livro dos Atos se fala de um casal, Ananias e Safira, que vende a sua casa e guarda para si às escondidas uma parte do dinheiro da venda. As consequências são terríveis. Confrontados pelo apóstolo Pedro com a sua falta, ambos caem mortos, como que fulminados. Gostaria de interpretar esta história neste sentido: na experiência do evangelista Lucas, a ganância em todas as formas, a recusa de partilhar os recursos significa a morte da comunidade e anunciam o fim da missão da Igreja. É com esta dureza que o Novo Testamento vê as coisas. E haverá com certeza ocasiões em que nos lembraremos de palavras de Jesus semelhantes a estas. Partilhar os recursos será um desafio permanente. Quando formos confrontados com o apelo a partilhar recursos, então é altura para por em causa, de forma crítica, todo o tipo de posse e de preparar-se para mudar os hábitos.



4. Partilhar a responsabilidade

Partilhar a responsabilidade significa que temos de aprender a ver com novo olhar a dignidade do batismo. Em cada um e em cada uma dos batizados vive Cristo neste mundo. Todos tomam parte no seu ministério sacerdotal, real e profético. Assim sendo, cada uma e cada um dos batizados tem o direito e o dever de assumir responsabilidades para a Igreja e em Igreja, mas no seguimento de Jesus: como serviço e não como domínio sobre os outros. Isto vale tanto para os clérigos como para cada um dos fiéis. No decurso do “Caminho Pastoral”, de certo haverá mudanças na imagem tradicional de profissões como pároco, sacerdote, diácono, assistente paroquial e assistente pastoral. Partilhar a responsabilidade significa que os nossos agentes pastorais se metem a caminho para viver em conjunto a responsabilidade eclesial partilhada, ao serviço da realização do Reino de Deus. Sendo assim, são mais do que colegas. Estão juntos ao serviço do envio de Jesus, na diversidade dos papéis e lugares de serviço. Entre estes serviços estão também as professoras e professores de religião, as educadoras e educadores, as colaboradoras e colaboradores da Cáritas, as secretárias e secretários das paróquias. Também as religiosas e religiosos da nossa diocese contribuem com o seu serviço indispensável, assim como muitos outros. Estou convencido que é possível conseguir muito de bom, se todos se sentirem parte deste serviço comum e se enriquecerem mutuamente graças aos diferentes dons e encargos.

De certeza também se desenvolverão formas em que o cargo de dirigir não será assumido só pelo pároco. Outras dioceses já estão a fazer a sua experiência neste campo. Também espero que o con-



vívio entre profissionais e voluntários seja, nesta diversidade e em estima recíproca, um viver desta missão comum. Sei que muitos voluntários sentem as suas limitações, por isso não bastará encontrar formas que dessem aos voluntários a possibilidade de assumir um lugar diretivo igual ao de um padre ou qualquer outro. Não é aqui o lugar para desenvolver e concretizar este tema. Convido, antes de mais, a uma atitude que seja espiritualmente fundamentada. Será que vamos conseguir viver a diferença e a diversidade em comunhão, porque sabemos e vivemos diariamente da presença de Cristo no meio de nós e que nós estamos ao seu serviço? Partilhar a responsabilidade é um bom remédio contra toda a espécie de exercício egocêntrico do poder na Igreja.

Partilhar a vida, a fé, os recursos e a responsabilidade : é este o convite ao “Caminho Pastoral” na diocese de Mainz; é este o convite a assumir tudo isto como um impulso para uma caminhada pessoal nas semanas que se seguem. Convido todos os grupos e comunidades a concretizar estes temas e a desenvolvê-los ainda mais na sua vida.

Para o nosso “caminho” juntos que Deus nos dê a sua bênção.

Abençoe-vos Deus Todo Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

+ 

+ Peter Kohlgraf

Bispo de Mainz

Mainz, 1º domingo da quaresma 2019





Covermotiv:

„Tabernakel“ (Mischtechnik, 40 x 30 cm, 2000)

von Heinz Soell (1918–2004, Bensheim), Privatbesitz.

Herzlichen Dank an Clara Soell für die Abdruckgenehmigung!

Herausgeber:

Bischöfliche Kanzlei/Publikationen Bistum Mainz 2019

Bischofsplatz 2, 55116 Mainz

Portugiesische Übersetzung:

Joaquim Marques Nunes

Der Hirtenbrief zur Österlichen Bußzeit von Bischof Kohlgraf erscheint in diesem Jahr auch in englischer, französischer, italienischer, kroatischer, polnischer, portugiesischer und spanischer Sprache. Die Übersetzungen in diese Sprachen sowie Versionen in Leichter Sprache und in Deutscher Gebärdensprache stehen Ihnen zur Verfügung unter

bistummainz.de/fastenhirtenbrief-2019

Den Übersetzerinnen und Übersetzern ein herzliches Dankeschön für ihre Arbeit!

